



PIXAIM: DESENHO DE TERRA SOBRE GRÃOS DE AREIA A COMUNIDADE DAS DUNAS DA FOZ DO SÃO FRANCISCO

Maria Madalena Zambi¹, Maria Angélica da Silva²

(1) Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca
AL 101 Norte, 123 Riacho Doce, Maceió, AL, Brasil
Tel: (55 82) 3355 1532 madalenazambi@gmail.com

(2) Universidade Federal de Alagoas – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
AL 101 Norte, 125 Riacho Doce, Maceió, AL, Brasil
Tel: (55 82) 3355 1046 mas@fapeal.br

Palavras-chave – Pixaim, patrimônio, memória

RESUMO

Na terra o povoado de Pixaim assentou o seu lugar sobre dunas de areia. Na margem alagoana da foz do rio São Francisco, a mobilidade da paisagem do povoado não é apenas resultado da transformação engendrada pelos moradores na cotidianidade. Em um lugar onde o vento constrói e reconstrói relevos, a paisagem tradutora da existência humana dialoga com a efemeridade. Em Pixaim, as casas construídas com as coisas que a terra dá duram em média 4 a 5 anos. Há pelo menos um século é assim: com uma ordenação que varia no tempo e no espaço, as casas de taipa não têm a intenção de atravessar o tempo, e sua importância está em tudo que guarda e evoca. A terra que em Pixaim modela o lugar urbano, na intimidade das areias, reserva surpresas que se revelam quando o vento sopra, escava o terreno e expõe o substrato de dunas antigas. Como um mecanismo diferenciado de recuperação de memória, a natureza em Pixaim devolve aos moradores porções mais íntimas de terra materializadas em antigos chãos de casa. Esta comunicação pretende destacar a humana diferença do povoado de Pixaim neste mundo maior do qual ele é parte, e apontar para a necessidade de se pensar uma prática no trato com o patrimônio, adequada à particularidade deste lugar especial pressupondo novas ferramentas e nova sensibilidade que incluam a prática da arquitetura da terra. Os caminhos institucionais para a preservação dos sinais patrimoniais do povoado têm se mostrado inadequados quando retraem gestos de maior longevidade com a terra no território de pertencimento, lugar onde o patrimônio por si já se faz quase imperceptível pela delicadeza de marcas constrangidas pela força do meio natural e pelo minimalismo de intervenções na paisagem.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, na tessitura de laços mais estreitos com dunas de areia, as respostas diárias dos habitantes de Pixaim criam a base da singularidade do povoado, com expressão também nos hábitos de moradia. A grafia que imprimem na areia é breve, porém, para os habitantes de Pixaim a importância da morada não está apenas em sua materialidade como teto que abriga, mas em tudo que guarda e evoca.

Hoje no povoado vivem aproximadamente 70 pessoas distribuídas em 28 casas construídas com as coisas que a terra dá. A pequena igreja é a única construção de alvenaria do lugar.

Com o passar do tempo, mesmo reduzindo-se bastante o número de pessoas residentes, Pixaim ainda fala ao mundo através de sua paisagem e sinaliza seu êxito sobre dunas de areia, ao lado de tantas outras paisagens que compõem a diversidade de arranjos existentes na Terra e que recobrem a sua superfície com zonas de casas de taipa, madeira, barro, tijolo, palha, bambu, pedra, papel...

Tradicionalmente a comunidade de Pixaim vivia da cultura do arroz em fazendas vizinhas na várzea do rio São Francisco. No passado esta atividade ampliou a importância de Pixaim para as pessoas do lugar e atraiu outras que migraram de diferentes localidades para viver no povoado. No lugar de habitação – território último do rio São Francisco – as injunções se

somaram com o tempo. O cultivo do arroz sofreu ruptura em decorrência de inúmeras alterações sofridas pelo rio ao longo do tempo e em todo o seu curso. Como é o caso, por exemplo, do fim de suas vazantes com a construção da UHE-Usina Hidrelétrica de Xingó. Sem as lavouras de arroz relacionadas aos ciclos econômicos da região e ao processo de constituição da identidade, as pessoas que ainda vivem no povoado partilham um forte sentimento de vazio identitário.

Em Pixaim as injunções externas cristalizaram-se se com a criação da Área de Proteção Ambiental-APA de Piaçabuçu em 1983, que abarcou o território do povoado. Desde então Pixaim foi organizado dentro do mundo do qual já era parte, segundo normas e critérios institucionais, e o uso dos recursos disponíveis no ambiente pelos seus tradicionais usuários ficou vinculado a prescrições definidas em lei.

Não há registros históricos sobre o povoado, mas a partir de levantamento de memória oral podemos estimar um período de assentamento no território em pelo menos um século. Ao longo do tempo, as pessoas de Pixaim construíram uma paisagem que conservou qualidades de um lugar primevo. Exposta a essa leitura, a comunidade teve seu consumo disponibilizado pela mídia e pelos empreendedores do turismo ecológico. Portanto, a condição discreta deste estar no mundo foi nas últimas décadas, modificada pela tendência contemporânea da busca de lugares de grande beleza cênica provida pelos recursos de uma natureza entendida como intocada. E assim, vista por olhos que obliteraram a presença humana, o local físico de Pixaim passou a ser frequentemente acessado por outros agrupamentos humanos formatados pelos impulsos do turismo.

2. A EFEMERIDADE NA ARQUITETURA DA TERRA EM PIXAIM

Através de suas casas, observemos a paisagem de Pixaim, antes do olhar estrangeiro. Normalmente o gesto de edificar o lugar urbano significa um compromisso com a perenidade. A pedra, a cal, a madeira, a terra, são mobilizadas no sentido de vencer o tempo e estabelecer relações sociais. Em Pixaim, pela contigüidade com o litoral, o vento constrói e reconstrói relevos e por isso, os sinais edificados do lugar, como as casas, não têm a intenção de atravessar o tempo. A durabilidade própria do ato arquitetônico, mesmo que com base na terra, em Pixaim é inviabilizada pelo solo móvel, de grãos de areia constantemente soprados pelo vento.

A casa é um espaço cuja construção significa um momento de estabilidade, mas em Pixaim sua existência breve contribui para tornar quase nulas ações preventivas que evitem a necessidade de sua restauração posterior.

A prática da construção da moradia tem múltipla significação para as pessoas da comunidade e se coloca como uma via de acesso ao conhecimento de valores, da maneira de pensar e do modo de vida dos que habitam o povoado. A partir da estreiteza dos laços construídos com as dunas de areia os moradores acumulam, comparam e comunicam experiências do morar e fortalecem entre si, distintos critérios que orientam endereços na paisagem dos vastos areais.

2.1. O tapamento

Com o passar do tempo, mesmo reduzindo-se bastante o número de pessoas residentes no povoado, Pixaim ainda continua a falar ao mundo sinalizando seu êxito sobre dunas de areia.

Erguendo e unindo madeiras com fio de náilon envara-se a casa com a ajuda de um parente ou vizinho. Neste primeiro obstáculo tramado contra o exterior, reserva-se a área de portas e janelas e a nova casa recebe a cobertura feita com palha de coqueiro (figura 1). Só depois as paredes vestem-se com o barro (figura 2).



Figura 1 – Casa pronta para o tapamento

Essa próxima etapa do processo construtivo, no linguajar local, é chamada *tapamento*. É realizada em mutirão – prática de sociabilidade também presente em Pixaim. O tapamento começa com a retirada do barro no brejo das dunas. Posteriormente é pisoteado e misturado com água e areia. Enquanto não se obtém a liga ideal, homens, mulheres e crianças, envolvidos no trabalho coletivo do pisoteamento do barro, misturam as suas próprias vozes em cantorias, chamando atenção para o aspecto lúdico e socializante do processo de construção.

Pelo trabalho nas diferentes etapas do tapamento, não há retribuição direta em dinheiro por parte do beneficiário, mas por outro lado, o mutirão não chega a traduzir-se em uma expressão espontânea de solidariedade, ajuda desinteressada ou algum tipo de fraternidade incondicional.



Figura 2 – Tapamento

No contexto ecológico e cultural de Pixaim, o tapamento pode firmar alianças, mas também desencadear hostilidades. A ajuda acionada para o tapamento é um compromisso esperado por aqueles que no dia-a-dia vivem sobre dunas móveis. A ajuda de parentes e/ou amigos

expressa a necessidade que os moradores têm de construir suas casas nos moldes da própria tradição (figura 3). Além de baratear os gastos, o tapamento desempenha um importante papel na definição de laços de solidariedade entre as pessoas que colaboram nesta prática. E, no caso de Pixaim, a reciprocidade urgida através deste sistema de cooperação coloca-se como um elemento essencial para a permanência no território de pertencimento. Recusar-se a ajudar alguém no tapamento pode significar uma atitude hostil e ter como consequência não receber ajuda quando precisar.

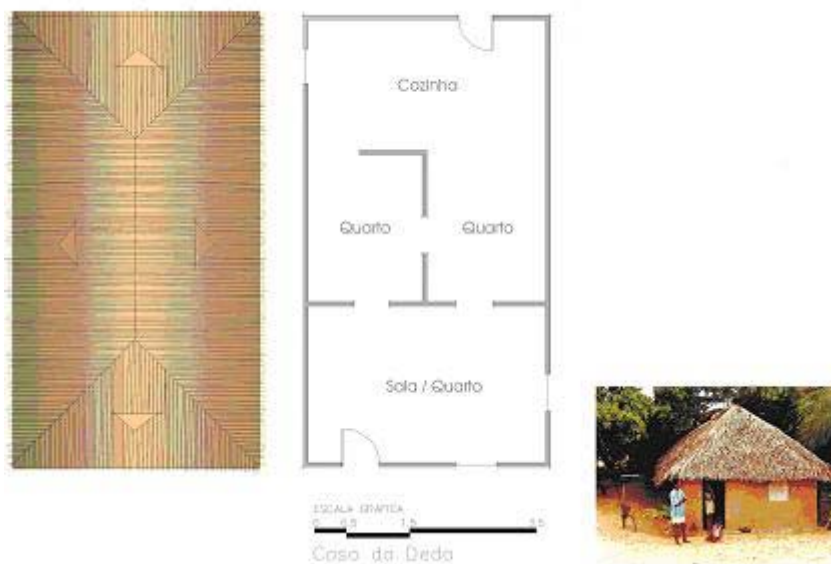


Figura 3 – Casa de taipa em Pixaim com planta da cobertura e respectiva planta baixa

3. QUANDO OS TEMPOS SE MISTURAM À AREIA

Exposto ao olhar e para o uso cotidiano do espaço, o traçado de Pixaim é sempre inusitado. Para além das variações advindas com o tempo das estações, a forma de Pixaim muda com o vento e quando as casas, que são formas, mudam de lugar. A ordenação espacial varia no tempo e no espaço; não há construção social das noções de centro ou periferia.

Enquanto realizam a vida, as pessoas de Pixaim dão à paisagem construída a própria imagem dos moradores e sinais que subsistem moventes no tempo tonificam o sentimento de se pertencer à areia. No fazer-se constante, o vivido compõe a memória onde os tempos se misturam, as reminiscências se ampliam e alargam, e com isso, o próprio tempo. Em Pixaim as pessoas do povoado vivenciam de maneira singular a transtemporalidade de sua paisagem.

Como na memória, na paisagem de Pixaim os tempos também se misturam; as reminiscências conduzem ao passado sem abandonar o presente. Na vastidão dos areais singularmente o passado se inscreve no presente. Tal qual um mecanismo diferenciado de recuperação de memórias, de tempos em tempos é a própria natureza que se encarrega de devolver aos habitantes do lugar porções mais íntimas de terra, materializadas em antigos chãos de casa¹.

O vento que acrescenta contornos sutis à paisagem dunar, avisa a hora de edificar, apaga sinais depositados na areia, escava o solo do território e mais adiante devolve à paisagem marcas da paisagem pretérita como na caligrafia dos maçonins (figura 4). No território de Pixaim as antigas construções ou os dados da materialidade do passado não estão imobilizados na paisagem; participam aleatoriamente do presente recuperando lembranças de uma outra paisagem, das pessoas que a animavam e de hábitos inscritos na vida social local. Portanto em Pixaim a ausência de marcas solidificadas que atravessam o tempo não anula a possibilidade de a memória participar da história viva da comunidade.

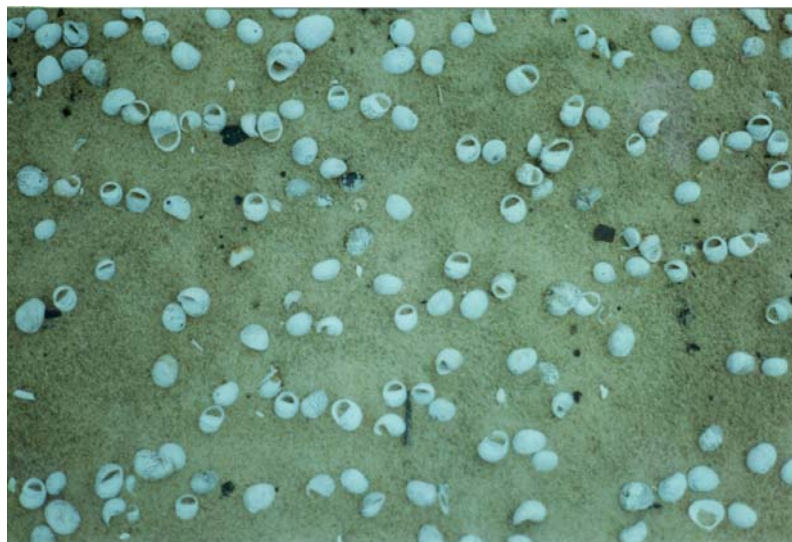


Figura 4 – Antigo chão de casa nas dunas de Pixaim

Quando os moradores de Pixaim necessitam construir novas moradas, o fazem não no sentido de buscar outras alternativas territoriais para garantir a sobrevivência. O deslocamento se dá dentro dos limites do próprio território da comunidade, respondendo às percepções das possibilidades que o lugar de habitação oferece. Portanto, a prática local de moradia não se assemelha a uma filosofia de vida errante. A permanência ao longo do tempo e através de gerações basta para que possamos depreender que os moradores de Pixaim não compõem um grupo social em itinerância.

4. O CAMINHO INSTITUCIONAL E O TRATO DO PATRIMÔNIO

As culturas não são representadas apenas através dos sinais da existência material, porém, durante muito tempo a noção de patrimônio cultural limitou-se a uma associação direta com os bens móveis, tangíveis, de valor estético e histórico. Com o movimento do mundo o conceito “patrimônio” ficou exposto à renovação e com isso, ampliou o leque do que conservar em meio à diversidade e riqueza de bens patrimoniais que singularizam e se colocam como referências vitais para as pessoas que os mantêm, e os praticam em distintas geografias.

Apesar dos avanços no reconhecimento de bens culturais tais como fazeres, saberes, crenças, hábitos, formas de expressão, festas, memórias, paisagens e tudo o mais que espelha a existência humana, ainda perpetuam exemplos trágicos no trato com o patrimônio. É o caso de Pixaim que, a tutela da lei, por razões de conservação do mundo “natural”, como se viu, põe em risco a materialidade e a imaterialidade dos seus sinais patrimoniais.

Apesar da intenção positiva presente nos pensamentos que norteiam a criação de áreas protegidas, no caso da APA de Piaçabuçu, que abarcou Pixaim, algumas normas e restrições de uso e ocupação do solo criadas em conformidade com as demarcações trazidas por esta unidade, dificultaram a sobrevivência material e cultural da comunidade. Como exemplo podemos citar a proibição do corte de madeira para a construção das moradas que, no povoado, necessitam ser reconstruídas a cada 4 ou 5 anos.

No caso de Pixaim, quando a APA não oferece outras alternativas, retrai a prática da arquitetura da terra construída nos moldes da tradição local e os valores endógenos que ela efetivamente traduz. Nesse sentido, a própria ação da APA coloca-se como degradadora e incentivadora da destruição do patrimônio da comunidade com expressão não apenas em sua materialidade, mas em tudo aquilo que diz respeito à sua essência. Isto é, além da prática local da arquitetura da terra, tudo aquilo que ela guarda e evoca. Igualmente, os saberes construídos na intimidade das areias, os sinais sutis da paisagem, os traços da

religiosidade local, o linguajar e as próprias memórias que afloram na paisagem com o vento e que moldam, ainda no presente, a identidade das pessoas que ali vivem.

Estas pessoas enquanto realizam a vida, constroem uma paisagem que guarda feições de um lugar singular (figura 5). Exposta ao olhar, o conjunto de especificidades concedem-lhe uma identidade e no presente, tem seu consumo facilmente viabilizado para o turismo ecológico. Mesmo sob a retórica do “baixo impacto” esta atividade altamente complexa e contraditória não anula o sério risco de artificialização da vida social local, amplificando a ameaça do desaparecimento de Pixaim no mundo e aniquilando a possibilidade de diálogo com “o outro” – condição essencial para que as pessoas do lugar concretizem o seu conceito identitário sem os limites impostos pelo isolacionismo.



Figura 5 – Vista aérea do povoado de Pixaim

5. OS JARDINS DUNARES

Voltando à narrativa acerca do cotidiano no povoado, o diálogo constante com a impermanência, sequer ameaça a concretude de jardins. As discretas composições na paisagem doméstica de Pixaim não resistem ao fardo de uma duna, mas retornam pelo desejo humano sempre atualizado da convivência com estas áreas (figura 6).

Na vastidão da paisagem arenosa – *doublé* de uma paisagem imaginária – em frente às casas ou guardadas em quintais, as discretas composições expressas em plantio de flores crescem distraídas da efemeridade do espaço doméstico com o qual dialogam.

A força do jardim em Pixaim não está em suas dimensões, mas no desejo de dar à terra, encantos de um lugar primordial. Assim, para o deleite dos passantes nas dunas ou de seu proprietário, os jardins de Pixaim configuram-se como outros lugares que oferecem aos moradores a possibilidade de refazerem, em suas transitórias moradas laços com a paisagem do lugar.

Para além do tempo das estações, os jardins de Pixaim se opõem naturalmente ao tempo dos jardins tradicionais que encarnam um lugar ideal da memória. São pequenos, delicados e não se valem para existir, de formas geométricas, simetrias ou perspectivas reconhecidas nos estilos ordenadores dessas áreas. Porém, também como realização legítima da bem-aventurança humana, os jardins de Pixaim tecem no tempo e no espaço, com minúsculos grãos de areia, o diálogo da impermanência que, afinal, é comum a todas as coisas.



Figura 6 – Jardim em Pixaim

6. CONCLUSÃO

A mestria cultural de Pixaim não deixa de ser, como expresso por Bourdieu (2004), uma “mestria das formas”. Singular, breve e efêmera, a grafia impressa pelos moradores sobre as dunas apóia-se na arquitetura da terra para modelar a forma real e imaginada do lugar de pertencimento. Igualmente, o uso particularizado da terra pelas pessoas de Pixaim assegura – à efemeridade em si – as linhas invisíveis e firmes que o efêmero necessita para sustentar o diálogo com a virtude e com a inteireza de uma paisagem, na qual habitantes deixam muito mais do que rastros que se apagam quando chega o ocaso.

A efemeridade, que no caso da arquitetura da terra usualmente se caracteriza em negativo, em Pixaim tornou-se qualidade. Seu poder de adaptação a um meio adverso – a areia, e variável – as dunas, fez desse sistema construtivo um aliado em sintonia com a paisagem. Por um lado, se tempos ecológicos promoveram a valorização de técnicas e lugares como a taipa e Pixaim, por outro ao articular ações protetoras aos ecossistemas, nem sempre alcançaram os resultados almejados.

A APA de Piaçabuçu (1999) exercendo a sua função tutelar assistiu ao decréscimo da população de Pixaim². Fecharam-se casas e abandonaram-se jardins. A firmeza do efêmero embora se mantenha, enfraqueceu-se pela incompreensão do seu traçado justo.

BIBLIOGRAFIA

APA – Área de Proteção Ambiental de Piaçabuçu. *Instrução Normativa*. IBAMA, Maceió, AL.n.1 de 16/03/1999.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ZAMBI, Maria Madalena. *As “areias vivas” de Pixaim: a comunidade das dunas da foz do São Francisco*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável). Universidade Federal de Alagoas/Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente/PRODEMA, Maceió, AL: 2004.

NOTAS

1 - Em Pixaim é freqüente o reconhecimento do chão de casa de antigas moradas através de cascas esbranquiçadas de “maçunim” (*Neritina Zebra*) depositadas em certos pontos do território, significando o consumo do molusco pelos antigos moradores daquela área. Às vezes, as cascas do “maçunim” chegam a cobrir uma duna inteira diferenciando-a, portanto, das demais do povoado que variam de cor dentro de um *continuum* breve do amarelo.

2 - O Censo de 2000 realizado pelo IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística foi o primeiro a incluir os dados referentes à Pixaim, porém, sem disponibilizá-los. Sob esta perspectiva, até o ano de 2000 Pixaim não existiu perante os cálculos numéricos da população brasileira. No ano de 2004, Zambi (2004), na altura da pesquisa de campo para a composição da dissertação de mestrado sob a orientação da Profa. Doutora Maria Angélica da Silva, coletou dados referentes à população de Pixaim que alcançava, naquele ano, o número de 102 pessoas. Por ocasião da composição do presente artigo, os dados novamente coletados pela autora apontam para um decréscimo da população que hoje soma apenas 70 pessoas.

AUTORAS

Maria Madalena Zambi é antropóloga, mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFAL), professora assistente da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFAL.

Maria Angélica da Silva é arquiteta, coordenadora do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, professora associada da UFAL, doutora pela UFF, Universidade Federal Fluminense/Architectural Association School/AA e professora do Programa de pós-graduação em Dinâmicas do Espaço Habitado DEHA/UFAL.